

NELSON SAVIOLI: O visionário verde

Claudio Skora – coordenador do Curso de Administração das Faculdades Integradas do Brasil.

Está escrito nos dicionários que visionário é aquele indivíduo que tem projetos grandiosos, de realização difícil. No senso comum, o visionário é o indivíduo utópico, sonhador.

O mundo em que vivemos foi construído com base na lógica racionalista da busca de resultados imediatos e, por medo ou comodidade, refugou até hoje pessoas com esta competência. Porém, quando um visionário foge do bloqueio e consegue mudar o padrão dominante, investido daquilo que Schumpeter chamou na sua teoria da destruição criadora de “empreendedor inovador”, logo é levado à categoria de ídolo. Perceba-se, porém, que muitas vezes esse “ídolo” aceito por todos muda somente o padrão, mas poucas vezes altera a lógica do modelo estabelecido. Na verdade, se seguir os mesmos princípios de antes, ele potencializa a exclusão, gerando pobreza e destruição, exaurindo os recursos naturais.

É unânime a opinião de que esse modelo está ultrapassado. Nem o planeta o suporta, nem a sociedade o quer. Neste momento, quem pode apresentar caminhos optativos à atual situação também são visionários, desde que investidos de outra mentalidade: a da sustentabilidade.

Inspirar o desenvolvimento dessa competência, adormecida em cada um de nós, sob a perspectiva da sustentabilidade foi a grande contribuição da palestra proferida por Nelson Savioli, atual Superintendente Executivo da Fundação Roberto Marinho e Presidente do Conselho Deliberativo da ABRH-RJ – Associação Brasileira de Recursos Humanos, sobre o tema “Empregos verdes e estratégias de formação de recursos humanos”, comentando também sobre o Centro de Referência das Profissões do Futuro que fará parte do Museu do Amanhã do Rio de Janeiro.

Sua notoriedade foi construída por meio do sucesso do seu principal livro “Carreira – Manual do Proprietário (Seja Dono do Seu Passe)”, que difundiu o planejamento de vida e carreira entre os gestores e estudantes da área de negócios. A obra, mesmo com várias edições publicadas e traduzida para muitos idiomas, teve, em entrevista, o seguinte comentário de seu autor: “o livro não tem nada de original. Só trabalhei em cima de coisas que já estavam sendo praticadas.” Perceba-se, aqui, não apenas o visionário, mas também uma postura humilde, típica daqueles que sabem como ensinar.

Homem não só de palavras, mas também de ações, teve em sua trajetória profissional vários momentos em que demonstrou sua diferente forma de compreender o mundo. Sob sua responsabilidade uma área específica de ecologia social, mais tarde transformada em desenvolvimento social, foi criada, num período em que nenhuma empresa ousava pensar nisso. Numa grande multinacional francesa, fundou não somente um centro de avaliação de potencial para identificar lideranças, mas também o programa Portas Abertas, democratizando as relações com os operários em pleno período das grandes greves do ABC paulista. Em um conhecido jornal brasileiro, instituiu o processo de qualidade na redação gerando resultados impressionantes. Ao homem visionário e humilde, soma-se agora o poder de realização, competência daqueles que sabem motivar pelo exemplo.

Em sua palestra, ao falar sobre os empregos verdes, Nelson Savioli alertou a plateia com cerca de quinhentos estudantes e professores que a humanidade precisa caminhar, a passos largos, em direção a uma rápida transição em busca de uma economia com baixo consumo de carbono, necessária para evitar os efeitos irreversíveis e perigosos das mudanças climáticas sobre as sociedades e reforçou que tal postura implicará em uma profunda repercussão em nossa maneira de produzir, consumir e ganhar a vida em todas as nações e setores.

Gestor ambiental em obras, lighting designer, gestor de manejo de florestas, analista de extrativismo, auditor de reciclagem e até mesmo chief visionary officer, são exemplos de profissões que começam a se desenhar para esta nova sociedade. Quem desdenha dessas possibilidades desconhece, por exemplo, ações concretas com esse propósito como o Pacto Global, da ONU, citado por Savioli.

De acordo com a ONU, o Pacto Global, lançado em julho de 2000, é uma plataforma de liderança para o desenvolvimento, implementação e divulgação das políticas e práticas de responsabilidade social corporativa e sustentabilidade. O Pacto Global da ONU não é um instrumento regulador, mas, sim, uma iniciativa voluntária, que se baseia na responsabilidade pública, na transparência e na divulgação de ações para proporcionar um espaço para a inovação e a ação coletiva. Nessa perspectiva, no Paraná, a Federação das Indústrias, por meio das várias ações do Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, no qual participa a UniBrasil, congrega centenas de empresários que atuam com essa visão de mundo e acreditam na construção de um mundo mais inclusivo e sustentável.

Por meio do trabalho cotidiano de empreendedores visionários são criados empregos diretos nos setores que produzem bens e serviços mais verdes, empregos indiretos em suas cadeias de fornecimento e empregos induzidos, quando as poupanças de energia e matéria-prima se transformam em outros bens e serviços de maior intensividade de mão de obra.

Para Savioli, os “empregos verdes” podem ser criados em áreas urbanas, bem como em zonas rurais, e incluem ocupações em todo o espectro laboral, desde o trabalho manual até o altamente qualificado. O potencial de “empregos verdes” existe em países de todos os níveis de desenvolvimento econômico.

Este pensamento coincide com o da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que incentiva programas que promovam empregos verdes orientados para os grupos que mais os necessitam: os jovens, as mulheres e os pobres. Para a OIT, para que os “empregos verdes” cumpram o papel chave de desenvolvimento sem exclusões sociais, devem ser criados empregos decentes que proporcionem rendimentos adequados, proteção social e respeito aos direitos dos trabalhadores e que permitam a esses trabalhadores expressar sua opinião nas decisões que afetarão suas vidas. Acredita a OIT que a transição para uma economia mais verde poderia gerar entre 15 e 60 milhões de novos empregos em nível mundial nas próximas duas décadas e tirar dezenas de milhões de trabalhadores da pobreza.

Savioli apresentou também o Museu do Amanhã, grandiosa obra que está sendo construída no Rio de Janeiro. Iniciativa da prefeitura carioca e da Fundação Roberto Marinho, na qual ele ocupa o cargo de Superintendente Executivo. Este museu, de acordo com o que foi divulgado, será um ambiente de experiências que permitirá ao visitante fazer escolhas pessoais,

vislumbrar possibilidades de futuro, perceber como será a sua vida e a do planeta nos próximos 50 anos. Esse espaço vai explorar variedades do amanhã nos campos da matéria, da vida e do pensamento, além de debater questões como mudanças climáticas, crescimento e longevidade populacionais, integração global, aumento da diversidade de artefatos e diminuição da diversidade da natureza. Estar à frente de um projeto como este não pode ser ação de um homem apenas visionário, humilde e realizador. É preciso algo a mais: sensibilidade. Em Savioli, isto é evidente por meio da leitura dos seus muitos haicais. Quem se dedica a contemplar esse tipo de poema, sabe que, além do sabor da leitura, os versos promovem a condição de apenas insinuar, dando ao receptor a função de interpretar, de preencher as lacunas de significados que a síntese absorveu.

Apesar de não ter seguido o cartesiano formato de um haikai, a sensação criada na noite de 29 de março de 2012 foi a mesma. Nelson Savioli em sua palestra desenhou futuros nos quais pudemos nos enxergar como agentes ativos na construção de uma nova sociedade, convidando a todos a liderar esse movimento. Instigou em todos uma postura visionária de mundo possível e diferente. Não nos deu caminhos certos, mas os inspirou. Por algumas horas viajamos alguns metros a mais em direção a uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável. Poucos passos foram dados, é verdade, mas estes não serão retrocedidos, afinal, quem viaja por prazer acha tão distante um como mil quilômetros.